

Perfil

“Quem não pede licença não se mistura”

“Ela é incandescente. E tem o mesmo tipo de visceralidade da Clara Nunes, também sem sacrificar a qualidade da linha vocal”, elogia o crítico e amigo da cantora, Irineu Franco Perpétuo

A cantora Fabiana Cozza carrega heranças culturais da Itália e da África e segue se misturando, com delicadeza

Por Marcella Chartier



Na zona oeste da cidade, o segurança postado em frente a uma portinha controla a fila de pessoas que querem entrar no bar lotado. A regra, “só entra um quando alguém sair”, não faz quase ninguém desistir. E, apesar do calor que faz lá dentro - ainda maior do que o de fora, na semana em que as temperaturas denunciavam o auge de um verão bem quente -, não é tão provável que os mais prevenidos, que chegaram cedo, decidam voltar para casa antes que a música acabe. É assim quase toda sexta-feira, quando a madrugada começa a chegar, no Ó do Borogodó. Mas, em algumas (poucas) noites, esse cenário se intensifica. Quem passa em frente ao bar já vê lá dentro, através de uma tela vermelha vazada, que a cantora é Fabiana Cozza. Com ela, uma roda de samba apertadinha no espaço pequeno está envolto por um público não menos caloroso em suas palmas, passos e vozes. Sem fila, com lugares marcados e ar condicionado, o teatro do Sesc Vila Mariana recebe uma plateia de faixa etária mais variada que a dos frequentadores do Ó do Borogodó - casais da terceira idade misturam-se aos mais jovens - para um show em que a mesma Fabiana divide o palco com as cantoras Adriana Moreira, Gisa Nogueira e Dona Ivone Lara. Sentado, contido, porém satisfeito, o público contempla a performance de cada uma balançando apenas os ombros. Seja no espaço apertado do bar em que ela começou a carreira, ou no teatro em que se pode assisti-la confortavelmente, Fabiana doa a mesma energia. Aparece maquiada, com brincos e pulseiras grandes, sempre de vestido, cabelos bem arrumados (se não está em Belo Horizonte, cidade onde vive Dora, a única cabeleireira a quem ela permite fazer seu cabelo, é a própria Fabiana quem se ajeita); solta a voz firme, comunica-se com os músicos e com o público o tempo todo, deixa que transpareça a emoção. “Canta com o útero”, como definiu a também cantora - e admiradora - Maria Rita. Tudo parece, assim, estar na medida. “Para

Dani Gurgel (Fabiana Cozza)



Arquivo Pessoal

Com Dona Ivone Lara, a dama do samba, de quem Fabiana gravou duas músicas em seu segundo CD

me equilibrar, tenho muito treinamento. E até dar certo, tem muito choro, muita dor”, conta Fabiana, que é orientada por um diretor de teatro e um preparador corporal quando monta um show. “O corpo, uma hora, se acostuma com a intenção. Eu posso chorar, mas continuo cantando”, garante a cantora paulistana, que assume toda a dramaticidade dos italianos, seus ascendentes: ela é bisneta de imigrantes vindos de um vilarejo em Montelungo, Verona, norte da Itália. A mãe, neta desses veroneses, preparava, na infância de Fabiana, um molho de tomate que demorava dias para ficar pronto. “Com ela não tinha molho de caixinha, não”. Os encontros da família materna aconteciam em Bebedouro, cidade do interior paulista onde ainda se estabelecia a maioria dos Cozza. “Era lá que reuníamos toda a italianada. Era muito divertido, o pessoal mudava das gargalhadas para o choro em instantes”, lembra a herdeira assumida do temperamento quente peculiar dos italianos.

“Ela é incandescente. E tem o mesmo tipo de visceralidade da Clara Nunes, também sem sacrificar a qualidade da linha vocal”, diz o crítico musical e amigo Irineu Franco Perpétuo, sintetizando um traço que não identifica em nenhuma outra cantora brasileira depois de Clara: a técnica minuciosa associada a um samba intenso, de batuque nervoso. “A Fabi tem todo o estilo do

samba, mas se você der a ela uma partitura, ela começa a solfejar”.

O calor das apresentações chega ao auge quando ela canta para os orixás - marca também indissociável de Clara Nunes. Como bem define Irineu, Fabiana “parte para a declamação, incorpora”. A ligação com o candomblé é forte, e vai muito além do palco. Mas é neste que acontece, aos olhos de todos, uma comunhão com as entidades que a guiam e inspiram - humanizada no arquear dos ombros, nos movimentos dos braços e dos quadris, no giro do corpo todo. “Para mim, a arte passa pelo sagrado. Existem muitos invisíveis no palco, uma aura ao redor, é nele que eu tenho que cantar o chamado. Tudo o que é negro traz minha ancestralidade, é o tambor que está me chamando, porque já fui dali”.

Na casa de Fabiana, não são só as cores e as peças de decoração, dispostas em aos grupos pelos cantos da sala, que remetem à África: a posição dos móveis e dos enfeites convida quem a visita a sentar-se no chão, em círculo. “Até a mesa da cozinha é redonda, para todo mundo se olhar, compartilhar o que está no centro, uma postura costumeira africana”, explica a anfitriã. Um exercício, como ela diz, para a solidariedade, a troca. Raízes do continente africano que também se expressam no princípio das rodas de samba, como as que aconteciam na casa em que morava com os

pais, ainda menina, e das quais participava admirando a confraternização inerente à reunião do cavaco com o pandeiro, o surdo, o tamborim, o violão e os versos. Quem as promovia era, não por acaso, o lado africano de sua ascendência: seu pai, Oswaldo dos Santos, ex-puxador de sambas da escola paulistana Camisa Verde e Branco.

Afro-italiana

"Em um texto recém-publicado em livro (O racismo explicado aos meus filhos. *Rio, Agir*, 2007), escrevemos a certa altura sobre a "opção étnica" por pessoas de ascendência biológica e cultural mista. Acentuamos neste texto que, por exemplo, quando uma pessoa filha de um negro com uma descendente de europeus ou vice-versa se reivindica como afrodescendente, o que ela está ressaltando ou querendo evidenciar é a parte de sua herança etnocultural que a faz ser uma discriminada em potencial e que, por isso, ela assume em sua postura contra a discriminação e o racismo".

O trecho acima, retirado de um depoimento publicado no site oficial da cantora (www.fabianacozza.com.br), é do sambista e escritor Nei Lopes, pesquisador das culturas africanas. "Ele definiu exatamente o sentimento de quem sofreu com a intolerância. Eu não passei por isso, mas amigos próximos e familiares meus, sim", conta Fabiana. "Sou negra em potencial e por isso me reivindico assim".

Por esse motivo, a cantora não deixa de se orgulhar da combinação de suas origens, que culminou em seus cabelos encaracolados, na pele morena, no vozeirão que serviria a uma cantora de ópera, na estatura alta e nas histórias de continentes diferentes que se fundem.

Com Leny Andrade e Célia, duas das cantoras brasileiras que Fabiana mais admira



"Me sinto especial. Minha mistura também tem a ver com minha trajetória, minha posição de transitar entre as diferenças, minha curiosidade, a tolerância... A mistura é muito mais legal do que a raça pura. As pessoas têm que se misturar, porque isso é estar no mundo". E, aqui, ela reconhece uma mesma herança advinda da expressão cultural dos dois lados de sua família. "Samba é essa arte grande: agrega, socializa. Todo mundo é igual no samba, o que é generoso. E os italianos também são muito generosos, você não fica sem comer na casa de um italiano, se fizer isso é até falta de educação, eles repartem tudo".

Fabiana segue se misturando. No show de seu segundo CD, *Quando o céu clarear* (lançado em 2007), apresentou-se com o pianista cubano Yaniel Matos - que também participa da gravação do disco. Em outubro do ano passado, esteve na França e na Alemanha. No final de 2008, foi ao Japão divulgar seu trabalho e cantou com Sadao Watanabe, músico que é referência do jazz no país. Chegou devagar, cuidando para não invadir o espaço. E, na despedida, ganhou flores do músico. "Tem que pedir licença. Quem não pede licença, não se mistura", assegura.

Antes de chegar ao sucesso de que hoje desfruta com maturidade na música, Fabiana foi jornalista. Escreveu reportagens sobre educação e trabalhou em um portal de esportes na internet. Nunca se encaixava no ritmo acelerado e na rotina estressante de seus colegas - a maioria deles homens, como é comum no jornalismo esportivo. "Eu dizia: 'bom dia, vocês estão muito tensos, vou deixar minha bolsa aqui, tomar um café...'. Depois de quatro meses cantarolando pela redação, pediu demissão. Disse apenas que ia viver de cantar, que aquela vida de repórter não era para ela. Seus colegas surpreenderam-se - mas pela coragem, não pela vontade de viver da música, já explícita desde o início. Ainda quando Fabiana trabalhava no portal, seu chefe a acompanhava em viagens de carro para o Rio de Janeiro, de madrugada. "Colocava seis CDs de samba enredo na disqueteira do carro, que era o tempo de chegar no Rio. O samba me salvou", alivia-se.

Desde que abraçou de vez a nova carreira, cantou e se apresentou com artistas como Eduardo Gudin, Paulinho da Viola, Ivan Lins e Elton Medeiros, entre outros. Atuou também em musicais no teatro - incluindo um tributo a Clementina de Jesus, outro a Lamartine Babo e mais um a Ary Barroso.

Com um pai compositor e membro de escola de samba, e com uma trajetória como essa (apesar da disposição de Fabiana em cantar qualquer canção que a inspire), foi inevitável que a rotulasse como sambista - lado a lado com outras cantoras da mesma geração que também gravam sambas, mas de expressões, histórias e objetivos diferentes. No

entanto, isso não a incomoda. "Não ligo muito, o rótulo se despreza conforme o que você vai fazendo". E mesmo reconhecendo a capacidade da amiga de soltar a voz em outros ritmos, Irineu aponta sua preferência: "É evidente que ela é talentosa e versátil. Mas no samba, hoje, ela é mesmo bem relevante, porque tem muito o que acrescentar".

Cheia de fôlego

O pé de jaboticaba do quintal de casa, na Vila Madalena, era o esconderijo favorito de Fabiana durante as brincadeiras com as crianças da vizinhança. Subia na árvore e esperava o melhor momento para se salvar. A mãe, sempre atenta, tinha medo de que a menina tivesse uma crise de bronquite. Natação e moderação nas brincadeiras eram as recomendações seguidas à risca pela garota, que, ninguém diria, esbanjaria seu fôlego em alto e bom som, cantando. "Nas festinhas, eu ficava de canto, comendo, porque não podia exagerar nas brincadeiras".

A fragilidade da infância deu lugar à segurança de hoje. Aos 33 anos, com dois álbuns lançados (o primeiro, *O samba é meu dom*, de 2004), e sem pressa de gravar o terceiro, ela prefere dedicar-se à consolidação da carreira aos poucos, e à participação em projetos especiais (como o show em homenagem a Elizeth Cardoso, que apresentará no Auditório do Ibirapuera em abril). "Sou muito segura. O que rolou até agora tinha que rolar porque eu tive capacidade. O que não aconteceu ainda, vai chegar a hora de acontecer. Vou melhorar para isso. Mas não tenho pressa".

Apesar da consciência da boa qualidade de seu trabalho, a dimensão do reconhecimento que já tem ainda a surpreende um pouco. No dia em que concedeu entrevista à **DanteCultural**, voltava do ensaio para um show que comemoraria o aniversário de São Paulo, dias depois, e no qual Fabiana se apresentaria com a orquestra de alunos da escola de música do Auditório do Ibirapuera. **Tinha sido** ovacionada **na chegada para o ensaio**. E um dos componentes da orquestra, um menino de 15 anos que toca bandolim, disse que esperava ansioso por aquele dia **havia** uma semana. "Não tenho noção do tamanho disso tudo. Fiquei meio sem entender".

Enquanto aprende a lidar com as consequências positivas de seu trabalho, ela aproveita o bom momento sem perder o foco na carreira, e cercada dos muitos amigos (com quem divide tudo o que pode), da família, e do namorado, que encontra sempre que um dos dois consegue pegar a ponte aérea - ele mora no Rio de Janeiro. Ressalta a importância das alegrias na vida pessoal como inspiração essencial para o desempenho no palco e no estúdio. "Gravei meus dois discos apaixonada. E



não acredito em um trabalho que não tenha relação amorosa, não dá para separar".

O encontro com João Bosco, em março de 2007, em uma apresentação em um shopping paulistano: o reconhecimento de seu talento por grandes músicos da MPB

Para saber sobre a agenda de shows da cantora, acesse: <http://fabianacozza.blogspot.com/>